

Política de traduções e pensamento universitário: a construção da editora Difel através da publicação das obras de Jean Paul Sartre no Brasil (1957-1960)

Fabiana Marchetti*
Universidade de São Paulo
País de Origem/Residência: Brasil
fabi10marchetti@gmail.com

Resumo

Esta comunicação apresenta a história da editora Difusão Europeia do Livro (Difel), importante empresa do mercado editorial brasileiro, fundada por Paul-Jean Monteil na cidade de São Paulo, em 1951. Pretendemos nos concentrar no período de formação do catálogo Difel e sua política de traduções de obras francesas, enfatizando a iniciativa inédita de tradução dos títulos de Jean Paul Sartre no Brasil com as obras: *Caminhos da Liberdade* (trilogia publicada entre 1957-1959), *Reflexões Sobre o Racismo* (1960) e do texto *Questão de Método* (1966).

Ao expormos as principais características dessas publicações, seu contexto editorial e sua inserção na política geral da editora, caracterizaremos a Difel em duas dimensões: 1) como uma instituição brasileira, mediadora dos meios nacionais nos processos da circulação internacional de ideias após II Guerra Mundial, momento em que Sartre se projeta como intelectual de referência, especialmente, a partir da perspectiva do engajamento; 2) como propulsora de vanguarda na difusão de um pensamento universitário brasileiro, que se inicia na tradução de títulos estrangeiros, voltados a esse público, e caminha para projetos nacionais de divulgação das leituras, da pesquisa e teoria produzidas na universidade.

Palavras-Chave: história do livro e da edição; pensamento universitário; traduções; Jean Paul Sartre; Difel

Circulação de ideias na segunda metade do século XX, Sartre e o Brasil

O filósofo francês Jean Paul Sartre foi uma das principais referências intelectuais do ocidente após a II Guerra Mundial. Seu nome emergiu no cenário internacional com a repercussão dos movimentos da Resistência contra a ocupação nazista na França e o

governo colaboracionista de Vichy. A posição de Sartre se torna mais evidente a partir de 1944, quando ele passou a colaborar para o jornal *Combat*, ao lado de Albert Camus, atuação que o insere nas ações de escritores e intelectuais resistentes, especialmente no pós-ocupação, e fundamenta a imagem do intelectual engajado que será projetada para o mundo.

Ainda em fins dos anos 1940, esta postura se concretizou e circulou através de suas publicações com destaque à fundação da revista *Les Temps Modernes* (1945) e ao livro *O Que é Literatura?* (1947), ambos com grande repercussão internacional; ao lado deles, a conferência *O existencialismo é um humanismo* (1946) demarca a visão de Sartre sobre a corrente teórico-filosófica existencialista, introduzindo-o também nas polêmicas do marxismo naquela época. Não poderíamos deixar de citar um texto fundamental de Sartre sobre o racismo, alinhado ao movimento da negritude nas então colônias francesas, o prefácio da *Antologia da Nova Poesia Negra e Malgaxe em Língua Francesa* (1948), organizada por Leopold Senghor, intitulado *Orphée Noir*. Nesta reflexão, o filósofo apresentou sua aproximação com as grandes questões da Guerra Fria e do chamado Terceiro Mundo, especialmente o movimento anticolonial.

Essas são algumas das referências que colocaram Jean Paul Sartre nos circuitos da circulação internacional de ideias (BOURDIEU, 2002), enquanto intelectual ligado às questões políticas que lhe eram contemporâneas. A vitória da França sobre o nazifascismo cria novas condições internas para a produção intelectual do país, ao mesmo tempo em que projeta sua internacionalmente, em um novo contexto mundial de interesses marcados pela Guerra Fria. Entre o meio de origem e os diversos meios de recepção, Sartre foi um personagem proeminente de uma França renovada enquanto nação literária e humanista, do lado dos que apresentavam posições críticas à imagem oficial desejada pelos governos do período.

A história do livro (FEBVRE & MARTIN, [1958] 2017) e a história da edição (MOLLIER, 1996) nos ajudam a compreender parte dos interesses e condições que veiculam as ideias de Sartre pelo mundo. Nas condições que permitem sua circulação internacional, é preciso considerar esta mercadoria especial e a ação humana que move sua produção e difusão. Desse modo, ressaltamos que, no mercado editorial francês, o filósofo será publicado por uma das editoras mais importantes e tradicionais, a Gallimard, que certamente garante aspectos de visibilidade para sua obra, em francês, abrindo as

possibilidades para a aquisição dos direitos de tradução em outras partes do mundo, como é o caso do Brasil, através da editora Difusão Europeia do Livro.

No imediato pós-Guerra, as ideias de Sartre, escritor e filósofo engajado, foram recebidas no Brasil em reportagens de jornais, entrevistas e contatos com intelectuais, como Rubem Braga e Sérgio Milliet (CAUBET, 1998) - estes que integram também o movimento de recepção editorial das obras sartrianas no país, como veremos adiante. A filosofia existencialista e o engajamento intelectual são debatidos sob a perspectiva de reconstrução da democracia após a ditadura do Estado Novo (1937-1945), na qual os escritores e intelectuais também assumiam ações de protagonismo, a exemplo dos Congressos de Escritores, o primeiro de 1945 e o segundo de 1947.

Refletir os valores democráticos, bem como a visão crítica sobre os caminhos que o Brasil deveria seguir na conjuntura internacional, através de referenciais franceses não se dava ao caso, senão que pelo histórico de relações culturais e intelectuais entre Brasil e França, marcantes na formação das elites intelectuais brasileiras desde o século XIX. A ressignificação internacional da referência francesa tem impacto sobre essas relações, trazendo novo impulso para a sua recepção (ROLLAND, 2000), contando também com um fator de extrema importância: a consolidação das universidades nacionais, fundadas na década de 1930.

Durante a II Guerra, o bloqueio comercial com os países do Eixo traz o inédito corte de importações de livros franceses para o Brasil. A França era o principal fornecedor deste mercado e a ausência dos livros é muito sentida pelos meios letrados. Com o fim da guerra, havia uma ânsia pela retomada das relações com o mercado editorial francês¹, sobretudo, com as notícias da produção dos escritores resistente. O primeiro setor a agir no sentido desta reconexão é o do comércio de livros importados, beneficiado pelo incentivo às importações na economia brasileira. A edição nacional, que vivera um período de grande prosperidade entre os anos 1930-1940, lutava contra a falta de incentivos que levou muitas editoras novas e pequenas à falência (HALLEWELL, [1982] 2012 : 544). Mantiveram-se abertas algumas casas tradicionais que conseguiam superar as dificuldades, alimentando, assim, um público leitor dinâmico e em expansão.

¹ Os anúncios de jornais mostram como esta demanda estava presente, chegando a se formar um forte mercado de livros franceses usados durante a suspensão das importações e os primeiros anos da retomada. Dados citados a partir da conferência de Ethienne Sauthier, *Ler em si mesmo com Proust: Proust como elemento constitutivo de identidades brasileiras (1913-1960)*. Colóquio “Proust, 150 anos”, Instituto de Estudos Avançados, 22/09/2021.

Criada em 1951, a Difel consegue se estabelecer na cidade de São Paulo e é reconhecida como editora nacional de grande importância em poucos anos. Sua fundação se beneficia da sociedade de Paul-Jean Monteil, seu fundador e editor, com investidores franceses, e de sua posição no mercado do livro paulista: Monteil, um engenheiro francês naturalizado brasileiro, também era o proprietário da Livraria Francesa, instalada na capital paulista, desde 1947. Na livraria, ele consolidou suas relações com intelectuais e círculos políticos locais, especialmente, comunistas, e criou referência no chamado ‘centro-novo’ de São Paulo, onde se formava o principal circuito da metrópole cultural (ARRUDA, 2015) entre suas escolas, universidades, bibliotecas, galerias de arte, museus e cafés.

Iniciado no mercado importador de livros, Paul Monteil redireciona investimentos e sua dedicação aos livros e à cultura para a criação de uma editora. O primeiro caminho para a construção de uma política editorial para a Difel demonstra características de um processo de transição nestas atividades através da tradução de obras francesas. A partir da livraria, Monteil podia acessar os fornecedores franceses para adquirir os direitos de tradução, ao mesmo tempo, em que nutria íntima relação com o público leitor, para o reconhecimento dos títulos mais interessantes para este mercado que, possivelmente, se ampliaria com livros em língua nacional.

Além de sua experiência com a Livraria Francesa, Monteil conhecia a atividade de algumas editoras importantes sediadas na cidade de São Paulo, como a Brasiliense, de Caio Prado Júnior, e a Martins, de José de Barros Martins. Ambas despontam na ascensão do mercado editorial nas décadas anteriores, conciliando um catálogo de traduções, com autores nacionais que interessavam ao pensamento brasileiro da época. A Martins é particularmente interessante como antecessora da Difel, pois foi a primeira casa a tentar ligar-se à universidade para promover suas edições, seja para dirigir-se ao público universitário ou para recrutar profissionais que legitimassem seu projeto. Como veremos adiante essa será uma prática consciente do editor Paul Monteil para construir a editora, que acaba tomando proporções maiores que a tentativa da Martins, por conta da maior consolidação destas instituições ao longo dos anos 1950 e 1960 (MICELLI, 2001).

Entre a literatura e a filosofia: as traduções de Sartre no catálogo Difel

O primeiro título de Jean Paul Sartre sai pela Difel no ano de 1957, trata-se de *A Idade da Razão*, volume inicial da trilogia *Caminhos da Liberdade*; os títulos seguintes *Sourcis* e *Com a Morte na Alma* saem, respectivamente, em 1958 e 1959. Outros livros de Sartre são publicados até 1966, passando por textos teóricos *Reflexões sobre o Racismo* (1960), *A Imaginação* (1964), *Questão de Método* (1966); pela obra autobiográfica *As Palavras* (1964), e duas peças teatrais *O Diabo e o Bom Deus* (1965) e *As Troianas* (1966). A evolução na categoria dos títulos escolhidos segue uma lógica interna ao desenvolvimento do catálogo da editora.

Ao iniciar as traduções de Sartre com a obra literária *Caminhos da Liberdade*, a Difel apresentava o filósofo-escritor em meio a um catálogo que já contava com outros autores da chamada literatura de guerra produzida na Resistência: Vercors, Camus, André Gide, André Malraux e Saint-Exupéry. Os livros sartrianos integram a categoria literária de modo fundamental, mas o caráter filosófico de sua produção não era de forma alguma desprezado. Nos jornais, as notas de leitura destacam uma dupla natureza da obra com termos como “romance existencialista” e “literatura existencial. Desse modo, a Difel atingia, ao mesmo tempo, um público amplo com interesse pela literatura da época e leitores especializados interessados no filósofo.

Nesta transição, a marca do existencialismo faz com que a publicação de Sartre represente o avanço da Difel em direção a outro setor do catálogo, o universitário, que terá força no desenvolvimento de sua identidade no mercado editorial. Desde 1954, a Difel publicava os volumes da coleção de bolso *Que sais-je?*, traduzida como *Saber Atual*, e em 1955 saía também o primeiro volume de *História Geral das Civilizações*, ambas da Presses Universitaires de France (PUF). A filosofia existencialista que, como já se viu, estava presente nos meios letrados do país e na imprensa, interessará a uma vanguarda intelectual universitária. Não apenas de estudantes de filosofia ou literatura, mas também da sociologia, do cinema, do teatro. Esse público organizará a vinda de Sartre ao Brasil no ano de 1960 e acompanhará avidamente suas atividades (ALMEIDA, 2009).

Neste ano, a Difel irá publicar o primeiro livro com textos teóricos do filósofo francês em *Reflexões sobre o Racismo*. A obra apresenta dois textos publicados originalmente de forma separada: o primeiro, *Reflexões sobre a Questão Judaica*, é um texto editado pela P.Morihein, em 1946, e pela Gallimard, em 1956; o segundo, *Orfeu Negro*, sai como prefácio da *Antologia da Poesia Negra e Malgaxe em Língua Francesa*, organizada por Léopold Senghor, editada pela PUF, em 1947. Trata-se, assim, da

composição de um livro inédito fruto de uma intervenção ativa de sua recepção pelos envolvidos na edição brasileira. Neste momento, a questão racial é determinante para a pesquisa universitária no Brasil, sobretudo em São Paulo, onde a Faculdade de Filosofia, ciências e Letras (FFCL) da USP e a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) estruturavam os primeiros sistemas de pesquisas de pós-graduação no país.

Os dois textos trazem o tema do racismo com relação, respectivamente, à população judaica europeia e à população negra explorada pelo colonialismo francês. Ambas estão presentes no contexto brasileiro, com maior destaque para a segunda, pois o racismo e a condição da população negra eram discutidos sob a perspectiva crítica de uma sociedade fundada sobre o legado da escravidão e da exploração colonial na América. Dos temas históricos aos contemporâneos, pensar o Brasil naquele momento passava por identificar as consequências nocivas do colonialismo e seu sistema de exploração do trabalho, bem como suas implicações sobre a formação da classe trabalhadora assalariada, suas condições de vida e as desigualdades profundas que estruturavam o país.

Desta maneira, se a questão judaica era uma reflexão necessária, especialmente após a II Guerra, ela adquiria profundidade na realidade local ao lado da questão negra. Apresentadas juntas, em um livro, as análises reforçavam mutuamente, em suas condições particulares, e também afirmavam aspectos do racismo de forma geral. Com a vinda de Sartre ao Brasil, *Questões sobre o Racismo* esteve nas listas de livros mais vendidos no ano de 1960.

A última publicação que gostaria de comentar é a *Crítica da Razão Dialética*, texto que marca o posicionamento de Sartre sobre o marxismo e o materialismo histórico dialético. Mesmo sem ter sido traduzido ao português, ele fora objeto da conferência realizada por Sartre na cidade de Araraquara (SARTRE, [1960] 2019). As polêmicas marxistas interessavam particularmente aos universitários paulistas que se reuniam, desde 1958, em um seminário torno das leituras de Marx e outros autores filiados à sua teoria (RODRIGUES, 2012). Em 1966, ano da edição, o Brasil vivia o terceiro ano da Ditadura Militar (1964-1985): os caminhos para a entrada do marxismo na universidade eram mais difíceis, porém seu sentido se tornava cada vez mais necessário.

Finalmente, não poderíamos falar das traduções sem mobilizar também a figura fundamental nesse processo de recepção: os tradutores. Sérgio Milliet, crítico literário e

intelectual renomado nos anos 1950 foi o tradutor de *Caminhos da Liberdade*. Chamado de ‘intelectual-ponte’, por sua experiência de transição entre gerações intelectuais nos anos 1920-1950, conheceu Sartre em Paris e era seu leitor à época de sua passagem como professor da ELSP, leituras registradas em seu *Diário Crítico* (MILLIET, 1981). Jacó Guinsburg, jovem intelectual de origem judaica, trabalhava no quadro fixo de funcionários da Difel e se tornaria professor da Escola de Comunicação da USP, traduziu *Reflexões sobre o Racismo*; Bento Prado Júnior, filósofo uspiano, integrante do seminário Marx, era marcadamente um pesquisador interessado na filosofia sartriana e que pautava este debate entre os colegas brasileiros.

O grupo reflete a mobilização que Paul Monteil fizera entre os intelectuais que viviam em São Paulo, buscando engajar prioritariamente aqueles que estivessem ligados à universidade: jovens profissionais especializados, com um futuro ainda incerto dado o curso de profissionalização da carreira acadêmica. Mesmo no caso de Milliet, um intelectual consagrado e tradutor mais experiente, havia a marca de uma das instituições que representaram a modernização do ensino superior naquele período, a ELSP. Como tradutores, eles participam o processo editorial que constrói as publicações brasileiras de Sartre, atribuindo-lhes sentido e/ou legitimidade em seu novo destino.

As publicações sartrianas se destacam no conjunto do catálogo realizado pela Difel, contudo, cumpre destacar que a organização geral de funcionamento da editora se movia por projetos análogos construídos pelo editor Paul Monteil – que marcava presença na seleção de títulos e em todo o processo editorial (GUINSBURG, 2017; CARDOSO, 2018) – ao lado deste público universitário com quem partilhava espaços de sociabilidade, debates e referência cultural na capital paulista, como a Livraria Francesa de propriedade do editor. Os jovens universitários manifestavam seus interesses e apresentavam iniciativas para intervir nesses meios, e desenvolver a profissionalização de seu trabalho intelectual.

Difel e Sartre: edição e difusão do pensamento universitário brasileiro

Através do mercado do livro, a Difel se construiu, a partir de São Paulo, como um elemento na consolidação de um novo sistema interno de produção do conhecimento no Brasil, o universitário. Dos denominadores necessários na conformação de um sistema, como define Antonio Candido, a universidade tinha consolidado seus “produtores (...)”

mais ou menos conscientes do seu papel” e seus “receptores (...) formando os tipos de público”. A produção sistemática de livros, produzidos por e para esses grupos, viria a consolidar “um mecanismo transmissor”, estabelecendo “um novo tipo de comunicação inter-humana” (CANDIDO, [1959] 2014: 23-24), sobre a qual acrescentamos, desenvolve-se uma nova forma de pensamento, que podemos definir como um pensamento universitário brasileiro.

A primeira expressão desta transmissão pode ser identificada na esfera das traduções produzidas pela Difel, que demonstram os interesses desse sistema interno, e destes intelectuais, em se conectarem a circuitos da circulação internacional de ideias. A edição da obra de Sartre é emblemática na compreensão desse processo e, através dela, entendemos um circuito da recepção de ideias caro à produção universitária da época que buscava perspectivas críticas ao capitalismo, à experiência da exploração colonial e imperialista vivida pelos países do chamado Terceiro Mundo.

Apesar de ser um intelectual francês, Sartre adota a identidade com esses temas e lugares, tornando-se interlocutor de intelectuais locais que se referenciavam nele e também o criticariam em outras ocasiões. A trajetória de construção da Difel possibilita a aproximação inédita com a produção sartriana e sua inserção em um projeto de edições brasileiro.

Bibliografia

Livros

Almeida, Rodrigo Davi de, *Sartre no Brasil: expectativas e repercussões*, São Paulo, Editora da Unesp, 2009.

Arantes, Paulo. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana: uma experiência nos anos 60*, São Paulo, Paz e Terra, 1994.

Arruda, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no Meio Século XX*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Candido, Antonio, *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, Rio de Janeiro, Ouro sobre o Azul, 2014.

Cohen-Solal, Anna, *Sartre 1905-1980*, Paris, Gallimard, 1985.

Febvre, Lucien e Martin, Henri-Jean, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo, Edusp, 2017.

Fouche, Pascal. *L'Édition française depuis 1945*. Paris, Editions du Cercle de la Librairie, 1998.

Gama, Lúcia Helena. *Nos Bares da Vida: Formação Cultural e Sociabilidade em São Paulo (1940-1950)*. São Paulo, Editora Senac, 1998.

Mollier, Jean-Yves. Edição, imprensa e poder na França no século XX. São Paulo, Editora FAP/Unifesp e Edusp, 2015. p. 218.

Hallewell, Laurence, *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo, Edusp, 2012. p. 544.

Luca, Tania R. de e Vidal, Laurent, *Franceses no Brasil. Séculos XIX – XX*, São Paulo, Editora Unesp, 2009.

Micelli, Sérgio, *História das Ciências Sociais no Brasil*, São Paulo, Editora Sumaré, 2001.

Milliet, Sérgio, *Diário Crítico (1940-1956)*, 10 vols., São Paulo, Martins, 1981.

Rolland, Denis, *La crise du modèle français. Marianne et l'Amérique Latine. Culture, politique et identité*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2000.

Sartre, Jean Paul, *Caminhos da Liberdade*, 3 vols., São Paulo, Difel, 1957-1959.

_____, *Questão de Método*, São Paulo, Difel, 1966.

_____, *Reflexões sobre o Racismo*, São Paulo, Difel, 1960.

_____, *Sartre no Brasil: a Conferência de Araraquara*. São Paulo, Unesp, 3ª ed. Bilingue, 2019.

Teses

Rodrigues, Lidiane Soares, *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e "um seminário" (1958-1978)*, São Paulo, USP, Tese de Doutorado, 2012

Artigos

Bourdieu, Pierre, 'Les conditions sociales de la circulation internationale des idées', in: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 145, décembre 2002. pp. 3-8.

Caubet, Rosa Alice, 'La bibliographie brésilienne de Sartre', in: *Fragmentos*, DLLE /UFSC, n. 2, jul-dez. 1998. p.p 59-73.

Mollier, Jean-Yves, 'L'histoire de l'édition, une histoire à vocation globalisante', in: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 43 N°2, Avril-juin 1996. pp. 329-348.

Entrevistas

Guinsburg, Jacó, entrevista concedida à Fabiana Marchetti em 18/01/2017

Cardoso, Fernando Henrique, entrevista concedida à Fabiana Marchetti em 12/02/2019